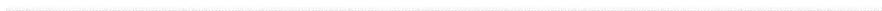


ARTE & LAZER PÁGINA 09

Livro de Sepúlveda

'Últimas Notícias do Sul' é lançado 16 anos depois da viagem à Patagônia. O escritor falou ao Destak.



Luis Sepúlveda 'Últimas Notícias do Sul' é o resultado de uma viagem que o escritor fez com o amigo e fotógrafo Daniel Mordzinski. E 16 anos depois, a obra vê a luz do dia. O escritor esteve em Portugal, e o Destak esteve à conversa com ele.

«Era um refúgio onde regressava sempre que me queria sentir bem»

FILIPA ESTRELA
festrela@destak.pt

Este livro que agora publicam é totalmente livre?

Nunca aceito nenhuma restrição. Todos os meus livros são sem restrições e sem condições. É uma história de viagens que fiz com o Daniel e conta os últimos dias de uma região que mudou muito.

Sentem que tudo o que viveram cabe num simples livro?

Nem tudo o que vivemos está aqui, porque a memória é selectiva e porque queríamos que o livro tivesse o que mais gostámos, o que teve mais impacto em nós e as melhores pessoas que encontramos. Há muita coisa que ficou fora e são recordações pessoais.

Muita coisa já não existe?

Há muitas pessoas que de facto já não existem. Houve uma senhora que encontramos quando festejava os seus 95 anos. Grande parte dessa realidade já mudou, mas tivemos a sorte de estar no momento em que as mudanças ocorreram e vimos as reacções das gentes da Patagónia.

Como caracteriza essas gentes?

As gentes da Patagónia são muito resistentes e não conhecem a palavra resignação. São duros porque o clima é duro. No livro mostramos essa maravilhosa dureza, e ao mesmo tempo a enorme fragilidade, solidariedade e generosidade.



Tem curiosidade em fazer a viagem outra vez para comparar?

Vou todos os anos à Patagónia e vejo as mudanças. As coisas continuam a mudar, e a atitude das pessoas continua formidável. No ano passado, fui a alguns lugares do livro e encontrei pessoas do livro, seres humanos fantásticos, que estão iguais ou melhores.



«Fomos deixando que a vida nos encaminhasse. Movíamo-nos à vontade do vento, sem planos. É a única forma de viajar!»

Quando fez esta viagem, tinha mais de 40 anos. Pôs uma mochila às costas e partiu?

Com o Daniel tínhamos uma grande amizade e experiência de trabalho juntos. Tínhamos feito muitas reportagens em imensos países. Na altura queríamos fazer uma viagem para nós, sem condicionais. Elegemos a Patagónia porque

eu conhecia bem. Queríamos mover-nos com absoluta liberdade sem limitações de tempo, contratos, ou caracteres. Foi a melhor recordação que ficou do sul do mundo. Queríamos ir sempre para sul, e fomos deixando que a vida nos encaminhasse. Movíamo-nos à vontade do vento, sem planos. É a única forma de viajar!

Porquê publicar, 16 anos depois?

Publicá-lo foi uma alegria muito grande, porque é um projecto muito antigo. Há livros que precisam de tempo.

Os seus textos encaixam nas imagens ou vice versa?

Eu e o Daniel sempre trabalhamos com uma gramática conjunta da fotografia e do texto para evitar o pleonasma. Normalmente, a fotografia repete o que diz o texto ou o texto explica a fotografia. Nós queríamos evitar isso. O texto e a fotografia integram-se na história que contamos.

Este livro é o seu refúgio e por ter coisas boas voltava sempre a ele. Agora que está publicado já não tem onde voltar?

Era um refúgio onde regressava sempre que me queria sentir bem e voltar a esse lugar. Redigia um par de linhas. Demorou tanto tempo, porque me custava terminar. O livro ia sempre estar inconclusivo. Havia sempre algo a acrescentar, tirar, agregar, aperfeiçoar ou polir. Este livro é uma aventura muito bonita.